



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## UMA LEITURA DA ATUAL CRISE DO CORPO A PARTIR DA NOÇÃO DE CUIDADO DE SI

Felipe Gustavo S. da Silva

*Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, felipegustavopx@hotmail.com*

### Resumo

O tema da sexualidade bem como as questões de gênero ocupam no mundo moderno uma posição muito privilegiada em torno de debates sobre suas manifestações e interpretações enquanto dimensões do ser humano. Aqui nos propomos a analisar o tema da sexualidade como dimensão antropológica do homem, como via potencializadora da felicidade, buscando fundamentar nossa análise a partir da leitura dos textos tardios de Foucault e demonstrar como o amor ao corpo, nos moldes atuais, acaba tornando-se um mecanismo de poder e controle sobre o próprio homem em sociedade, muitas vezes frustrando esse projeto de felicidade. Ademais, aqui iremos trabalhar a sexualidade pela noção do cuidado de si, como assinala Foucault buscando a partir dessa noção fundamentar a análise da situação humana frente ao cultivo exagerado do corpo.

**Palavras-chave:** Corpo, Subjetivação, Sujeição.

### 1 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as questões relativas à noção de corpo e contempladas na contemporaneidade, a partir da mídia e do comércio, que vinculam o que chamamos “corpo da moda” e que tem como consequência direta a forma pela qual o sujeito relaciona-se com o próprio corpo através de uma sujeição a tudo isto que lhe é submetido; diante disto, é nosso objetivo principal tecer uma crítica sobre a questão a partir da leitura do último Foucault, que, a nosso ver, viabiliza ser um referencial teórico adequado para construirmos o nosso debate frente às questões que se impõe no mundo de hoje para todos nós. Foucault é um pensador que está na moda. Entenda-se por isto a multiplicidade de textos que são a cada dia publicados e a grande quantidade de pesquisas que versam sobre as



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pesquisas do autor sobretudo em relação à temática da sexualidade. Dentre os temas que mais se destacam, vemos a questão da subjetivação como dos mais explorados. O professor Hélio Rebello Cardoso Jr. Defende que o tema da subjetivação na vale mais para contemporaneidade, diz ele, em conclusão a um artigo que versa sobre o tema, que a subjetividade sob a análise de Foucault

(...) Não vale mais para a subjetivação contemporânea ou ele passa por uma crise tal que seus mecanismos estão definitivamente desgastados e não funcionam como antes. Essa constatação decorre de um problema que Foucault nos legou, isto é, os modos de subjetivação são demarcados por dispositivos historicamente constituídos, e portanto, podem se desfazer, transformando-se à medida que novas práticas de subjetivação se engendram. É essa diluição histórica que parece estar deslocando o antigo dispositivo de sexualidade descrito por Foucault. Sendo assim, temos que pensar, para fazer jus e estender a lição foucaultiana, se não haveria em formação um novo dispositivo intermediado a relação da subjetividade com os processos de subjetivação, vale dizer, com o tempo e com o corpo. (CARDOSO JR. 2005. P.347)

A constatação do autor é bem compreensível, visto o autor ter composto sua análise e seu discurso em um época anterior a nossa, mas acreditamos que o modo com o qual o autor buscou compreender os mecanismos de poder e controle e a resposta bem como a proposta para que o sujeito assumisse seu papel diante de uma sociedade que reprime e obriga-o muitas vezes a viver sujeito às práticas de corpo, a um modo de relacionar-se com seu corpo que o afasta dos outros homens e o prende em um individualismo sem limites, e é esta a nossa constatação, parece ainda ter lugar no debate das questões que envolvem a noção de corpo e subjetivação. A proposta do trabalho é de contribuir para o debate contemporâneo das questões que envolvam as noções voltadas à prática e à expressão da sexualidade, defendendo que essa dimensão do ser humano merece um olhar especial, e para isso, nos propomos a fazer um breve olhar histórico sobre a forma que, ao longo da história, o homem relacionou-se segundo sua época, com seu próprio corpo e ao mesmo tempo, dando-lhe valor característico e distinto do atual, sendo isto que nos motivou a escrever esse trabalho. Nossa pesquisa pretende fundamentar uma análise sobre a situação em que nos encontramos em relação aos chamados “cuidados do corpo” a partir da leitura que é possível realizar-se a partir de alguns



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conceitos Foucautianos que estende-se sobre o estudo da sexualidade, apesar de, como mostra Julia Groppa Aquino(2013), a produção bibliográfica no Brasil a respeito do pensamento de Foucault demonstra que seu pensamento é sobretudo difundido no campo escolar e ligado à educação mas estende-se também às questões de corpo e gênero, porém como mostra a autora, o tema ainda ocupa hierarquicamente um lugar marginalizado em relação aos demais.

Tal utilização da obra foucaultiana nas pesquisas educacionais brasileiras finda por revelar os tipos de interesse temático e teórico despertados entre os pesquisadores a ela devotados. No que se refere aos tópicos teóricos, os mais referidos pelos autores foram, em ordem decrescente: identidade/subjetividade/subjetivação; poder/relações de poder; governo/governamentalidade; disciplina/disciplinarização/ controle; (análise de) discurso; dispositivo; sexualidade; tecnologias (do eu); biopoder/biopolítica; e genealogia. Já no que diz respeito às temáticas específicas mais exploradas, temos a seguinte configuração, também em ordem decrescente: educação/ensino/escola; mídia/cinema; infância/criança, (a)normalidade/diferença/desigualdade; currículo/pedagogia; modernidade/pós-modernidade/pós-estruturalismo; formação; pesquisa educacional; inclusão/exclusão; história (da educação); corpo; gênero; adolescência/juventude; e cultura/cotidiano (escolar). (AQUINO, 2013 p. 53).

### 2 Metodologia

É necessário inserir Foucault no debate do problema do corpo pois seus estudos voltam-se exatamente para a consequência principal da situação em que se enquadra a abordagem da noção de corpo na contemporaneidade uma sujeição ao controle, localizada no que ele chama de crise do sujeito, ou melhor uma crise da subjetivação: na verdade, encontramos homens muito mais escravos e escravas ao modelo de organização social e controlador regulado pelos meios de coerção social que ditam a regra da perfeição corporal e acabam por regular também o poder de expressão do homem enquanto sujeito, ou seja, manipular a forma que o homem lhe dar com o próprio corpo é uma das maneiras encontradas para sujeita-lo às formas dominantes e cada vez menos possibilitar o que Foucault chama subjetivação. Ademais, aqui propomos ainda um resgate, como sugere Foucault em sua



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Hermenêutica do sujeito, da noção de espiritualidade pelo cuidado de si, que possibilitaria ao homem de hoje, uma alternativa frente aos desafios dos sistemas de controle. O tema é comentado por Freitas (2012) com as seguintes palavras:

Mais especificamente, a experiência da filosofia como espiritualidade, reabilitada através da noção de cuidado de si, sugere uma vida de autoria de si mesmo que é, ao mesmo tempo, uma forma de resistir às tecnologias de assujeitamento. Ao enfatizar que os exercícios espirituais, na antiguidade greco-romana, eram indistintamente práticas de autodomínio e exercícios reflexivos, Foucault, (2004) insiste no fato de que a distinção entre o exercício de transformação de si e o esclarecimento filosófico configura-se como uma diferenciação recente na história de nossa cultura. (FREITAS, 2012 :55)

Cada vez menos o homem vê de fato, a si mesmo, acaba vendo outro, ou melhor, pensa enxergar a si mesmo, mas na verdade, vê um produto do meio, um produto regulado e sujeito ao que lhe foi discretamente imputado a viver e pensar. É dentro destes termos que M. Foucault denuncia a crise da subjetivação. Cada vez menos, há uma negação de uma espiritualidade no sentido filosófico do termo, como modo de vida e de reflexão do próprio viver, o que há, na verdade, são sujeições aqueles que controlam e ditam o ritmo do passos de nossas vidas. Ora, o corpo perfeito, as práticas perfeitas, as relações perfeitas bem como os envoltimentos amorosos ideais, são pregados na sociedade a partir de uma ideia geral daquilo que apetece e desperta desejo. Essa é um visão geral, o corpo, tem lugar de destaque no autoeducação do homem, se é que essa auto educação prefigura uma educação de fato; o que queremos aqui defender é que, houve ao longo dos séculos, uma mudança no perfil de cuidado e de auto trabalho do homem em si mesmo. Se fizermos um recuo histórico à Grécia antiga, o culto do homem ao próprio corpo se dava pela ginástica, pela musculação, pelos esportes em geral, e ainda, pela medicina curativa; mas, o objetivo era trabalhar o corpo de forma que o possível desleixo sobre ele não causasse mal algum à alma. Na idade média, o cuidado com o corpo tinha um caráter ascético-moral, ligado à noção de pecado pregado pela



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

doutrina da igreja católica; nesse período, as práticas de mortificação e de renúncia austera aos prazeres sexuais marcava a vida daqueles que faziam voto a Deus por uma castidade e por uma busca de uma vida celeste, em uma outra dimensão. Ambas as noções, antiga e medieval, equiparavam-se pela busca de um objetivo fora do próprio corpo: alma e céu; a modernidade parece romper com esse modelo ao sugerir um predomínio da razão acima de tudo e um distanciamento da ideia de uma realidade além do corpo ou fora da realidade em que se vive, neste caso, o céu. Na modernidade vemos um sujeito submisso e apreendido pelo filtro do eu. (FREITAS, 2012)

Bem, se quisermos nos ater à essa análise histórica, vemos nos dias atuais uma supervalorização do corpo vazia em si mesmo, e ao mesmo tempo assim como nas demais épocas, há uma finalidade fora da própria razão do corpo, mas não se trata de uma alma ou de um céu, mas de um favorecimento despercebido pela maioria das pessoas mas muito sugestiva para o mercado; a grande maioria, controlada, sujeita-se à um falso cuidado do corpo, em nome do que se chama uma saúde perfeita, um bem estar. Ao mesmo tempo, os mecanismos que regulam, e já falamos em termos Foucautiano, o perfil de corpo perfeito e os cuidados a serem tomados com ele, acabam por tornar-se meios de regulação e de controle, onde, diminui-se o espaço para o desenvolvimento e a liberdade de expressão do indivíduo: a questões de corpo, e a forma de lidar com ele acabam sendo temas a serem debatidos em escolas, mas segundo normas e limites de uma linguagem própria e já regulada; no meio político, prega-se o direito à expressão e ao direito de ir e vir bem como de manifestação. Não queremos aqui propor uma teoria pedagógica para tratar a questão, não é isso: apenas queremos demonstrar que a maneira pela qual o tema é tratado parece problemática, parece, como diz Foucault, controladora e já pré-definida. Ora, e o que isso importa para o nosso trabalho? Podemos afirmar aqui que toda a forma o corpo perfeito é definido,, enquanto trabalhada enquanto um amor ao corpo, regulado, seja a partir dos ideias de bem estar seja por uma falsa saúde pregada pelas academias, que cada vez mais estão cheias de pessoas afim de um perfil estético perfeito, do que um cuidado próprio que faça o homem viver e se relacionar bem.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em nossos dias, talvez ainda muito mais importante do que para o mundo grego, recobra atualidade perguntar o que significa uma vida humana boa e feliz e quais são os principais meios para alcançá-la? Quais são os “cuidados” a serem dispensados ao longo das diferentes etapas da vida humana para se alcançar uma velhice digna de ser vivida? Por fim, a pergunta mais importante: o que significa uma vida digna na velhice? Não se deve desconsiderar, sob hipótese alguma, a parcela de responsabilidade que as instituições, o Estado e a própria sociedade devem desempenhar no sentido de assegurar condições indispensáveis, tanto materiais como culturais, à conquista de uma vida digna e saudável de todos os seus integrantes. No entanto, não existem instituições, Estado nem sociedade sem indivíduos, os quais, dentro da esfera de ação que lhes compete, devem assumir também suas próprias responsabilidades. (DALBOSCO, C. A. 2006 :30)

### 3 Resultados e discussão

Os estudos de Foucault tratam de examinar a noção de cuidado e ele aponta três dimensões principais em que o cuidado de si relaciona-se: primeiramente a pedagogia, depois a política, e por fim a Erótica. (FOUCAULT. M. 2014. p.52) O estudo realizado por Foucault não pode ser desprezado visto sua atualidade e significação para o estudo atual da noção do cuidado e visto sua descrição sobre o que significavam as diversas práticas vividas e compartilhadas pelo homem grego, porém adverte-nos Deleuze que, o Foucault não pretende rever os gregos mas observar os modos de constituição do sujeito (moderno) noção totalmente distinta do mundo antigo. (DELEUZE, G. 1996, p. 115.) Em seu segundo volume da história da sexualidade, Foucault aborda em um capítulo específico o que ele chamada de uso dos prazeres, ou seja, a forma pela qual o homem antigo relaciona-se com seus desejos e as práticas, ou o uso que faz deles. A importância desta reflexão para o nosso trabalho é que, se partirmos do recuo histórico que Foucault faz à antiguidade, para analisar a noção de cuidado, podemos defender aqui que a verdadeira noção de cuidado revela algo muito mais íntimo e muito mais abrangente: o cuidado de si, a noção de cura, tem o corpo como uma de suas dimensões, mas não se restringe apenas a pregar a busca pela sua perfeição, ela depende necessariamente da relação que o sujeito estabelece com a sua comunidade. O atual culto ao



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

corpo desemboca num solepsismo, num individualismo e numa arte de si pelas artes do corpo, não se vê o outro a nenhum momento e, no mundo de guerras e conflitos em que vivemos, isso só favorece cada vez mais um distanciamento das pessoas da relação com o outro. Aqui não é nossa pretensão defender que o corpo deve ser desprezado, que as academias devem ser fechadas, e que as propagandas e planos de divulgação do corpo perfeito devam ser banidos do mercado, não é disto que estamos falando, nosso posicionamento é que enxergar apenas isso como o principal e necessário para a felicidade humana é diminuir em muito o potencial humano, de através dos relacionamentos com o outro, abrir-se a ele e com ele construir sua vida, sua existência. Nossa proposta é que, todas as maneiras que sujeitam o homem à algo e o impede de exercer sua humanidade em sentido pleno, e ainda mais, sua espiritualidade a partir da relação com o outro, sejam revistas, e neste sentido, o falso cuidado ao corpo deve ser reexaminado como um empecilho à própria visão que o homem tem de si mesmo, à sua subjetivação, sua capacidade de enxergar a si mesmo e de se construir ao longo de sua história no mundo.

O cuidado de si, designaria uma tensão agnóstica, um princípio de inquietação capaz de perturbar, ou seja, de por o sujeito em movimento, apontando o sentido preciso do título do curso *Hermenêutica do sujeito*. O que está em questão não revelar\decifrar a verdade do sujeito, mas decidir o que fazer com o que se é e como realizar o que se é. (FREITAS, 2012 :65)

Ademais, se voltarmos nosso olhar sob o plano histórico, iremos encontrar no cuidado de si uma dimensão extremamente política. O cuidado de si, vivido ao pé da letra como nos gregos e isto nos relata Foucault em seu curso no *collège de France*, mais conhecido como a *Hermenêutica do sujeito*, revela que o cuidado nunca é um ato de si para si mas de si para si e para o outro. Cuidando de mim mesmo disponho as melhores condições para que o outro viva comigo e entendido neste sentido, acabo cuidando também deste outro lhe dando o melhor de mim. No contexto antigo, cuidar significava uma série de práticas espirituais, hoje, se quisermos aplicar o tema ou a noção ao mundo em que vivemos, podemos dizer que a noção de cuidar está implícito na ideia de formação humana e na ideia de que o corpo deve ser respeitado, cultivado, mas, longe de uma dimensão coletiva, a noção de cuidado do corpo



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

acaba-se revelando, hoje em dia, como absolutamente uma prática individualista e de mercado. Cultiva-se o corpo pelo fator estético e pela rivalidade de “parecer mais belo”, não pelo fato de que o corpo compõe o ser humano em sua totalidade. No livro, *O homem, quem é ele?* B. Mondin faz uma análise da corporeidade em geral bem como de suas funções. Ele elenca algumas dessas funções: mundanizante, epistemológica, econômica e ascética, ademais, define o corpo como fenômeno de sociabilidade (MONDIN, B.2008 p.170) O corpo é importante para o homem, não pode ser desprezado nem tratado com desleixo nem tampouco como um objeto: é pelo corpo que o homem se localiza no mundo, é pelo corpo que conhece as coisas, o outro, a si mesmo, é pelo corpo que o ser humano administra a própria vida e por fim, é através do corpo que o homem desenvolve a sua espiritualidade. É pelo corpo, sobretudo, que o homem vive em sociedade e se faz presente em meio aos outros homens. O corpo desvela a função política do homem, é através dele que há a interação mútua entre os cidadãos de um determinado lugar; é o corpo que possibilita que o homem, enfim, entre em contato com os outros homens. O corpo é o sinal que lembra o outro que eu existo. As práticas de cuidado de si, desde a antiguidade, apesar de voltarem para uma espiritualidade no sentido de cuidar da própria alma, não despreza-se o corpo pois é através dele que o homem manifesta, satisfaz e ordena seus desejos, e daí toda uma espécie de medicina preventiva prescreve desde a antiguidade a forma que o homem pode lidar com o corpo de forma a ser capaz de domina-lo e não sujeitar-se às suas intemperanças; A contribuição de Foucault para nosso trabalho reside em primeiro lugar na identificação do esquecimento que o mundo atual fez da espiritualidade do cuidado de si, em segundo lugar, a crise do corpo, que manifesta-se como um mecanismo de poder e regulação sobre os indivíduos, conduz o homem a cada vez mais fechar-se em si mesmo. Ora, viver em perfeita harmonia com o próprio corpo é possível e ainda mais, em meio aos outros corpos. Defendemos, portanto, que em meio à sujeição que vive o homem em meio ao corpo-produto que o mercado produz, o homem não constrói exatamente uma real experiência de reconhecimento de si e do outro, mas vive num constante individualismo e fechamento aos outros. Neste sentido, o caminho da subjetivação seria libertar-se, reincluindo a noção de cuidar, ainda que em moldes



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contemporâneos, buscando resgatar a noção em sua dimensão política, onde as relações do homem com os outros homens estabeleciam-se em meio a uma comunidade voltada para um mesmo objetivo: o Bem e a felicidade, a realização humana. Mas o que vemos hoje? Homens cada vez mais insatisfeitos consigo mesmo e com os outros. Até onde isso vai parar, que conclusão esta análise nos traz?

### 4 Conclusão

Ora, apreço que do que foi dito acima, já temos uma conclusão bem clara e que possibilita futuras discussões: O cuidado de si articula uma nova visão do homem consigo e com o outro, ou seja, insere-se numa espiritualidade, desprezada nos dias atuais, no sentido como dissemos filosóficos do termo, como uma vida devidamente examinada, refletida e repensada. Se de fato, essa proposta se fizesse prática, seria a alternativa aos meios de sujeição. Como dissemos, não se trata de não mais cuidar do corpo, o que criticamos é a forma que se lhe dá importância e em que medida isso faz bem ao homem; parece-nos a única saída seria resgatar então, de volta a espiritualidade do homem, hoje em crise, sua subjetivação, atrapalhada pelos processos de controle, seu olhar sobre si mesmo a partir de si mesmo e não a partir de processos exteriores que lhe digam o que ele deve ser e o que fazer para atingir modelos pré-definidos. O homem não é um animal irracional, podendo ser domesticado, controlado e submetido ao controle de alguém que possua as formas de controlar, mas só através desse resgate à verdadeira noção de cuidado, o homem pode então, encontrar um meio de novamente assumir o “controle” e superar aquilo que o sujeita a outros homens, evitando ainda, aquilo que Levinas chama a alergia do outro, pois é exatamente o contrário que o outro deve representar não o inferno como diz Sartre

Tudo o que vale para mim vale para o outro. Enquanto tento livrar-me do domínio do outro, o outro tenta livrar-se do meu; enquanto procuro subjugar o outro, o outro procura me subjugar. Não se trata aqui, de modo algum, de relações unilaterais com um objeto-Em-si, mas sim de relações recíprocas e moventes. As descrições que se seguem devem ser encaradas, portanto, pela perspectiva do conflito. O conflito é o sentido originário do ser-Para-outro. (SARTRE, 1999, p. 454).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Mas a possibilidade do bem para mim e para a sociedade, visto a espiritualidade pela noção de cuidado, como já foi afirmado aqui, só torna-se possível apenas pela interação com o outro. Acreditamos que a principal contribuição da pesquisa tenha sido em resgatar Foucault bem como sua análise da questão do corpo para falarmos de uma crise do corpo nos dias atuais. A crise que submete o homem a um individualismo e a um fechamento em si e para o outro e, ainda mais, a sujeitar-se ao que deseja a sociedade que domina, aos mecanismos atuais de controle. O tema da sexualidade, as relações que o homem tem com o próprio corpo, a própria apreciação que o homem tem de corpo, nos dias atuais, deve ser levado a um debate aberto, o corpo não é um problema para o homem, é uma instância desprezada e que sofre de um falso culto, uma falso cuidado, que conduz cada vez menos ao homem reconhecer-se e enxergar-se em sua completude.

### Referências

AQUINO, Julio Groppa. **A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico** Revista Brasileira de Educação. v. 18 n. 53 abr.-jun. 2013

BARBOSA, Ellen Borges. **Reflexos do pensamento de Foucault na constituição da cultura escolar brasileira.** Revista Pandora Brasil - Edição especial Nº 4 - "Cultura e materialidade escolar" – 2011

\_\_\_\_\_. **Grupos Escolares e Instituições Carcerárias: a arquitetura como controle e disciplinação dos sujeitos – esboços de uma análise Foucaultiana.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo, 2010.

CARDOSO JR. Helio Rabelo. **Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo.** Psicologia, reflexão e crítica. 2005. P. 343-349.

COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** Porto Alegre: Mediação, 1996. .



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

\_\_\_\_\_(Org.) **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. .;

\_\_\_\_\_. Bujes, Maria Isabel E. (Orgs.). **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Dossiê Foucault e a Educação: é preciso pensar e agir de outros modos. Educação Temática Digital, Campinas: UNICAMP, v. 12, n. 1, p. 147-302, dez. 2010

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p. 115.

DALBOSCO, C. A. **Corpo e alma na velhice: significação ético pedagógica do cuidado de si mesmo**. RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 22-37 - jan./jun. 2006

FISCHER, Rosa M. B. **Foucault revoluciona a pesquisa em educação?** Perspectiva, Florianópolis: UFSC, v. 21, n. 2, p. 371-389, jul./dez. 2003.

FOULCALT. M. **A hermenêutica do sujeito**: Martins Fontes. São Paulo, 2014

FRANK, Franciéli. **A escola contemporânea e seus reflexos no mercado de trabalho: apontamentos sobre o cuidado de si, de Foucault**. IX Anper Sul. 2012. p. 5 Disponível em <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2401/930>

FREITAS, A. S. **O cuidado de si como articulador de uma nova relação entre a educação e espiritualidade**. In. Diálogos em educação e espiritualidade. Rohr. F. (org) editira universitária. UFPE. 2ª edição revisada. 2012

MENDES, C. L. **O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo**. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis EDFSC, n. 39, p. 167-181, abr 2006.

MUCHAIL, S. T. **Foucault, mestre do cuidado**: textos sobre hermenêutica do sujeito. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MONDIN. B. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. São Paulo. 13ª edição. Paulus2006

PAIVA, Antonio C. S. **Sujeito e laço social**: a produção da subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

PAGNI, P. A. . **EXPERIÊNCIA, INFÂNCIA E CUIDADO DE SI: DESAFIOS AOS ATUAIS SABERES E PRÁTICAS ESCOLARES.** Praxis & Saber - Revista de Investigación en Educación y Pedagogía, v. 4, p. 51-66-66, 2013.

\_\_\_\_\_. **Formação humana e cuidado de si: em encontro explosivo ou a possibilidade de pensar de outro modo a racionalidade e a ética na educação?** REP – Revista espaço pedagógico. V; 18. N;2, passo fundo, p. 309-323, jul/dez. 2013.

SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada.** 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004